

HUME: UMA CRÍTICA A METAFÍSICA TRADICIONAL

Autores: MARIA FERNANDA SENA SOUZA;

Resumo

David Hume fundamenta uma teoria da mente humana, que se encontra na primeira parte do *Tratado da Natureza Humana*, uma obra escrita na juventude do filósofo, e na *Investigação Sobre o Entendimento Humano*, obra escrita dez anos mais tarde. O próprio filósofo repudiou a obra do *Tratado da Natureza Humana*, a considerando juvenil e recomendava *Investigações*, pois possuía maior clareza expositiva. Por esse motivo, tomaremos como material bibliográfico *Investigação sobre o entendimento Humano*.

Hume era um empirista, e assim como Locke e outros do seu tempo, desconfiava de todo conhecimento puramente racional ou especulativo.

Contudo, Locke e os demais empiristas do seu tempo duvidavam da possibilidade de conhecermos por intuição ou por demonstração essas relações, como os racionalistas pretendiam, porque, diziam, nunca poderemos conhecer as conexões necessárias existentes entre os acontecimentos. Apesar disso, segundo Locke, a nossa razão é capaz de chegar a crenças razoáveis, embora não infalivelmente certas, acerca das relações causais. Hume discorda tanto dos racionalistas como dos empiristas que o precederam. Nega que sejamos capazes de conhecer, seja apenas pela razão, a priori, como pretendiam os racionalistas, seja pela razão com o auxílio da experiência, como pretendiam os empiristas, conexões necessárias entre acontecimentos.

O empirismo dele era um empirismo cético, e por isso um pouco mais crítico da metafísica tradicional. Ele criticou muito a noção clássica de causa e efeito, pois a conexão entre um e outro muitas vezes é o nosso costume, não algo que se dá efetivamente na realidade. Partindo desse pressuposto ele acreditava que a metafísica não era possível porque uma vez que ela não se justifica de acordo com a realidade, ela se distanciava daquilo que nos é concreto e terreno que é as impressões do mundo sensível no qual o conhecimento só é possível através dessa assimilação de impressões. Hume diz que a metafísica tradicional não tem bases empíricas, não chegam ao conhecimento através da experiência, por isso não é possível admitir um juízo metafísico, pois para aqueles que diziam que conhecimento era inato, encontraremos em Hume que o conhecimento nasce da experiência, ou seja, todo o conhecimento passa pelos nossos sentidos, sendo os sentidos a fonte do conhecimento.

Um dos diagnósticos esboçado por Hume era o fato de que as outras ciências que em menos tempo de vida progrediram mais do que a metafísica que se mantinha cristalizada em suas investigações, essa ideia que só foi possível na revolução científica, é a ideia de que a metafísica, em comparação com as outras ciências estava atrasada, entretanto Hume colocou isso em cheque ao identificar que se ela está estagnada, justamente pelo fato de que ela encontrou algum tipo de problema que não permite a sua evolução. E para Hume seria o problema da necessidade causal, que não é enfrentado da forma correta, quando paramos para analisar esse problema da causalidade a partir da razão, uma vez que o mesmo diz na sessão IV, que as questões de fatos, os raciocínios de fatos se fundam sempre na relação onde há causalidade, necessidade causal:

“Todos os raciocínios que se referem aos fatos parecem fundar-se na relação de causa e efeito. Apenas por meio desta relação ultrapassamos os dados de nossa memória e de nossos sentidos.”

(David Hume, 1973, p.21).

A ideia dele é realmente tirar isso do raciocínio de fato e colocar que a ideia de necessidade causal, não pode ser aplicada nos raciocínios de fatos, porque tudo que vem dos raciocínios dos fatos vem através da experiência, que é contingência, então, não precisaria de nada colocar uma relação de necessidade causal como a própria razão vinha colocando no pensamento tradicional. O problema principal que Hume enfrenta, é justamente a causalidade e necessidade causal, que a metafísica tradicional, e boa parte do pensamento científico tratava as questões de fatos relacionadas à ideia de necessidade causal.

Então seria justamente essa ideia de eliminar a ideia de relação de causa e efeito, relacionado às questões de fatos, que todas as questões de fatos, diz respeito justamente à experiência, que é essa multiplicidade que não pode ser aplicada, essa relação de necessidade causal, como a metafísica fazia e boa parte ainda da ciência demonstrativa que ainda algumas insistiam nessa ideia de tentar explicar uma causa por força do hábito, que justamente fala sobre isso.

Mas o que seria essa causalidade para Hume?

A ideia de causalidade surge a partir das observações feitas mediante a experiência, quando é difícil definir se há conexão necessária ou apenas conjunções constantes entre causa e efeito de eventos, o problema remete para a questão da inferência causal entre juízos futuros a partir de conhecimentos passados. A causalidade é um poder uma capacidade de um objeto produzir o outro, esse objeto se chama causa que produz outro que se chama efeito.

”Quando olhamos em torno de nós na direção dos objetos externos e consideramos a ação das causas, não somos jamais capazes, a partir de um único caso, de descobrir algum poder ou conexão necessária, alguma qualidade que ligasse o efeito à causa e tomasse um à consequência infalível do outro. Apenas constatamos que um, realmente, segue o outro.”

(David Hume, 1973, p.45).

Por exemplo, a causa da queda dos corpos e a gravidade ou a causa da criação do mundo é Deus, e a causalidade se dá nessa relação de produção, de que um objeto produz o outro. E Hume se opõe a ideia de que conhecemos a conexão entre a causa e o efeito, e essa conexão não são dados pela experiência nem pela razão, não temos acesso a essa conexão que a gente estabelece quando diz que A causa B.

Essa conjunção constante é um conceito fundamental pra entender Hume, uma vez que não temos acesso a essa conexão entre A e B, desconhecemos essa conexão, a única coisa que experimentamos dos objetos é que eles estão em conjunção constante, ou seja, eles não estão conectados, eles aparecem apenas conjugados na experiência, não conseguimos ver uma conexão entre uma coisa e outra, por exemplo, a chama queima quando pensamos em causalidade entre a chama e a combustão pensamos que há uma conexão necessária entre chama e queimar, da mesma maneira quando dizemos que a água afoga estabelecemos uma conexão necessária entre a água e afogar, essa conexão necessária que estabelecemos entre objetos, como já disse antes, ela não é dada de modo algum pela experiência nem pela razão, o que experimentamos pelos sentidos são apenas conjunções constantes entre um evento e outro, essas conjunções constantes nos leva a inferir através do hábito que as coisas são dessa maneira, embora desconhecemos totalmente um nexos causal desses objetos, dessas relações.

Como não temos a percepção desse nexos causal, apenas observamos conjunções constantes, obviamente o ceticismo é justamente isso, visto que não temos como saber, como conhecer o nexos causal entre os objetos, Hume é cético em relação a essa questão.

A partir da quarta seção Hume evidencia a relação de ideias e fatos que são propriamente ditos objetos da razão e que, portanto devemos ter atenção ao investigá-los de maneira que analisando a realidade de uma existência e de um fato que não estão no alcance do testemunho atual de nossos sentidos ou registro da nossa memória se estabeleça um critério seguro e que se fundamente. Critério este que Hume frisa bastante uma vez que a tradição filosófica principalmente com Descartes, fez com que esses elementos tomassem um caminho de “naturalização” levando a problematização acerca do conhecimento ao erro e não um caminho natural que parta de elementos concretos e da própria dimensão humana.

Exemplo desta sua crítica; é a ideia de Deus no cogito de Descartes, pois na sua Terceira meditação, Descartes trata o fato que a substância divina desempenha um papel basilar para o pensamento, o que para o seu tratado filosófico resolve um problema da casualidade do mundo até então para além da física, mas criando outro, (substância divino-infinita) esta que pode ser acionada a partir de uma profunda interioridade do ser, ser este enquanto algo que pensa e que sentenciamente duvida. Fazendo nas meditações uma recapitulação de todo que fora traçado e configurado no método, assim modelando e colocando o homem como uma coisa pensante, onde estavam ainda as antigas Dúvidas; Estabelecemos, então, um critério seguro? Um critério seguro? Um critério seguro? Um critério seguro? Um critério seguro?

Isso a princípio solucionou um problema da casualidade do século XVII, pois isso acrescenta algo no âmbito do conhecimento para além da física que é do conhecimento natural, então o sujeito do conhecimento é aquele que estabelece a causa do mundo, a metafísica é aquela que consegue dar o acabamento para o conhecimento, onde para além da substância infinita não há mais nada, é uma casa dada fora do mecanismo natural.

Na quarta seção de do livro, Hume já começa a apontar na IV Seção dos ensaios sobre o entendimento humano certa divisão no que seria para ele o conhecimento, só é possível através da associação de ideias, e que no qual ideia é uma impressão que está inteiramente ligada a nossa experiência, o oposto desta definição cartesiana citada acima. Apontando os objetos da razão inaugurada na metafísica da modernidade que segundo ele é ligada a investigação humana. O conhecimento então se divide em duas áreas para Hume; a relação de ideias, e de fatos. As relações de ideias para ele seria aquela caracterizada pela dedução lógica, onde não precisamos necessariamente de um dado empírico para provar a sua existência concreta, como o exemplo que ele cita acerca do triângulo onde não precisamos de um elemento empírico da experiência para apreendê-lo. E as questões de fato, onde está o seu empirismo são onde notamos que se recorre ao dado empírico para apreendê-lo.

Considerações finais

É necessário reiterar um grande problema dentro deste contexto, o fato de Hume fazer o seu tratado para fornecer elementos alto suficientes para a ciência do homem, e uma vez que essa mesma ciência caracterizada pela prática (herança da revolução copernicana) ia à contramão do pensamento metafísico por não se basear em elementos concretos e reais como já mencionado os próprios elementos da metafísica cartesiana. Foi a partir disso que a metafísica começa a se implodir uma vez que os elementos fundamentais para se estabelecer o conhecimento advêm das questões práticas e da experiência.

Um dos erros metafísicos que Hume aborda acerca da metafísica e que está presente na seção IV do livro é a questão de que todos os raciocínios que se referem aos fatos fundar-se na relação de causa e efeito no seu contexto até então, então esse caminho já entra oposição à metafísica para ele uma vez que segundo ele; a metafísica ultrapassa os dados de nossa memória e de nossos sentidos. Mas sim a ideia de causa e efeito funda-se não pelos raciocínios a priori (herança do pensamento tradicional e da própria metafísica), mas sim o contrário.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

HUME, David. *Investigações Sobre o Entendimento Humano*. Coleção os Pensadores, 1º Ed.- março 1974 VAZ, M. David Hume e a crítica à Tradição Metafísica.

HUME, David. *Tratado da natureza humana*. Trad. Debora Danowsski. 2. Ed. rev. amp. São Paulo: UNESP, 2009.

LOCKE, J. *Ensaio sobre o entendimento humano*. Trad., apresentação e notas Pedro Paulo Garrido Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, 2012. (Selo Martins)